

AYVU ROPYTA: UM GIRO DECOLONIAL ÀS FONTES DA RELIGIOSIDADE INDÍGENA MBYÁ GUARANI

Ricardo Valim¹

Livia Catarina Matoso dos Santos Telles²

RESUMO

Em tempos de profunda transformação social e de mudanças paradigmáticas, observa-se, dentre estas mudanças, uma maior busca pelo encontro do sagrado em sintonia com a política. A politização e militarização da fé, juntamente com o desejo do estabelecimento de uma teocracia, têm chamado a atenção da comunidade científica, pois suas perspectivas de horizonte ganharam espaço nos corações e mentes das pessoas. Mas há de se questionar: Quais as motivações que existem nos bastidores desses movimentos religioso/políticos? Investigar os motivos se torna importante porque confere uma carga de sentido existencial ao que é feito. Neste sentido, é importante fazer um retorno às fontes da sabedoria ancestral, seja ela contida na Torá, na Bíblia, no Alcorão ou no Bhagavad-Gita. Voltar às fontes conecta a humanidade à essência de sua crença, o que acaba por dificultar a vida daqueles que por um interesse ou outro tentam desvirtuar os saberes antigos. Em nosso entendimento, se torna mais adequado utilizar o termo “espiritualidade indígena” do que “religião indígena”, já que religião é um conceito da cultura ocidental e que por vezes pode não delimitar bem a ideia do que realmente se queira explorar. Outro ponto importante é evitar o caráter generalista com relação à espiritualidade indígena, já que cada povo tem sua própria maneira de ser e estar no mundo e, sobretudo, tem sua própria compreensão do universo espiritual. Os povos indígenas brasileiros apresentam uma profunda ligação xamanica com os demais elementos do mundo cósmico, sendo que esta ligação é importante porque permite uma vivência dos mistérios que se inserem no contexto cósmico e social. Em tempos de mudança social e política não devemos nos afastar das fontes que tendem a humanizar e a levar a humanidade por um percurso mais sustentável e tolerante, sobretudo nas diferenças dos grupos sociais. Diante desses fatos, a presente pesquisa se justificou pela sua importância de revelar a transição da palavra falada para a palavra escrita na obra “Ayvu Ropyta” de León Cadogan (1959) representando a tradição Mbyá-Guarani. Objetivou analisar a importância do ensino decolonizador da literatura indígena brasileira contemporânea na difusão e defesa das culturas originárias marcadas pela base epistêmico-ancestral da tradição oral, com um enfoque nas manifestações de espiritualidade. A passagem da oralidade para a literatura, feita por escritores indígenas, revela voz-práxis-política em defesa das culturas originárias, na preservação das tradições, na proteção da natureza e na preocupação com a possibilidade de aniquilamento da humanidade pela falta de cuidado com o meio ambiente. A metodologia consistiu em uma análise da obra supracitada, com base em outros textos de intelectuais acadêmicos, como é o caso do professor Leno Francisco Danner da Universidade Federal de Rondônia (UNIR), que explora em seus escritos o valor da literatura indígena. Os resultados parciais da pesquisa revelaram que os povos originários não somente tem se preocupado em

¹Mestrando em Filosofia pela Universidade Federal de Rondônia (UNIR), Docente de Filosofia do Instituto Federal de Rondônia (IFRO) Câmpus Porto Velho Calama. Contato: ricardovallim@ifro.edu.br.

² Doutora em Educação Escolar pela Universidade Federal de Rondônia (UNIR), Pedagoga do Instituto Federal de Rondônia (IFRO) Câmpus Porto Velho Calama, Av. Calama, 4985 - Flodoaldo Pontes Pinto, Porto Velho - RO, 76820-441. Contato: livia.santos@ifro.edu.br

assegurar seus direitos constitucionais à terra, mas eles mesmos têm procurado demarcar outros espaços, como é o caso da literatura. Esse fato tem ganhado força cada vez mais, pois permite aos povos indígenas garantir a perpetuação de suas culturas e tradições através da transição da palavra falada, ou seja, da tradição oral para a palavra escrita, que é justamente a literatura indígena. Os Mbyá-Guarani são uma etnia indígena com forte presença no sul do Brasil, mas também estão presentes em várias aldeias na região oriental do Paraguai, no nordeste da Argentina (província de Misiones) e no do Uruguai (nas proximidades de Montevideo). À custa de perseguições culturais e físicas, desenvolveram vários mecanismos para guardar e viver suas tradições culturais e religiosas, garantindo sua reprodução enquanto povo e etnia. O intento foi mostrar a fixação de saberes que provêm desta forma de perpetuação e transferência de saberes outros. Junto à dimensão objetiva do processo de escrita literária, deve-se também levar em conta uma dimensão subjetiva, cosmológica e sagrada, no âmbito do universo Mbyá-Guarani, que ilumina as decisões do plano concreto e objetivo, que não pode ser ignorada na compreensão do processo. Os fundamentos ideológicos e políticos da extrema direita religiosa e reacionária do Brasil desconversam com os fundamentos da cultura do povo Mbyá-Guarani. As ideias de liberdade, inclusão, diversidade religiosa, multiculturalidade, preservação do meio ambiente e dos povos originários, dentre outros cravados como normas constitucionais, são para todos os brasileiros, independente de sua convicção religiosa, sendo que todos precisam ter representatividade e seu lugar na política, visando um país democrático. Conclui-se, portanto, que a obra já mencionada é um patrimônio da humanidade porque em suas linhas abertas estão gravadas as cosmovisões, cosmopolíticas, cosmogonias e a diversidade epistêmico-normativas próprias do povo Mbyá-Guarani. Esses textos, em uma perspectiva decolonial, ensinam os caminhos para a superação de uma modernidade racista, epistemicida, eurocêntrica provinciana com pretensões de universalidade. Estes ensinamentos da tradição oral encontram espaço na literatura atualizando e disseminando seus saberes, produzindo engajamento social, visando transformação de corações e mentes proporcionados pela fixação da palavra falada e escrita na sociedade brasileira contemporânea sobre as questões indígenas, políticas e religiosas. As técnicas culturais e esses saberes espirituais tradicionais do povo Mbyá-Guarani poderão ser alternativas na construção de novas abordagens interdisciplinares que buscam formas de resolução para os impactos da intolerância religiosa, como também desmistificar o uso da fé na política.

Palavras-chave: espiritualidade; política, povos indígenas; Mbyá-Guarani; literatura indígena.

REFERÊNCIAS

CADOGAN, León. **Ayvu Rapyta – Textos Míticos de los Mbyá-Guaraní del Guairá.** Boletim N° 227/antropologia n° 5. São Paulo: USP – Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, 1959.

DANNER, Leno Francisco; DORRICO, Julie, & DANNER, Fernando. **Decolonialidade, Lugar de Fala e Voz-Práxis Estético-Literária: Reflexões desde a literatura indígena brasileira.** Alea, vol. 22, n° 1, pg. 59 a 74, 2020. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/alea/article/view/33525>. Acesso em: 13 set 2022.

DANNER, Leno Francisco; DORRICO, Julie, & DANNER, Fernando. **Literatura indígena entre tradição ancestral e crítica do presente: sobre a voz-práxis indígena em termos**

estético-literários. Scripta, vol. 24, nº 50, pg. 205 a 256, 2020. Disponível em: <http://doi.org/10.5752/P.2358-3428.2020v24n50p205-256>. Acesso em: 15 nov 2022.